

Machado fragmentado, ou Machado de Assis e as histórias da literatura

Douglas Ceccagno*

Resumo

Este artigo analisa, em três histórias da Literatura Brasileira, como se processa a representação do escritor Machado de Assis e de sua obra, com o objetivo de vislumbrar, por meio de uma teoria sistêmica, novos aportes para a escrita de histórias da literatura. Privilegia-se a investigação das relações entre os diversos sistemas sociais e a literatura na construção da narrativa histórica.

Palavras-chave

Machado de Assis; Histórias da literatura; Teoria sistêmica.

Abstract

This research examines, in three histories of Brazilian literature, the way how the representation of the writer Machado de Assis and his work is made, in order to discern, supported by a systemic theory, new contributions to the writing of histories of literature. The text privileges to investigate the relationships between different social systems and literature in the construction of historical narrative.

Key-words

Machado de Assis; Histories of literature; Systemic theory.

* Mestre em Letras e Cultura Regional pela Universidade de Caxias do Sul; aluno do Programa de Pós-graduação em Letras (doutorado) da PUCRS; Professor no Departamento de Letras da Universidade de Caxias do Sul.

Os registros das histórias da literatura conferem um espaço diferenciado a escritores considerados de maior importância, e esses eleitos podem variar de acordo com os fatores levados em conta para a escrita da história. Sendo assim, as crenças do historiador, seu posicionamento político, sua posição na sociedade, além de elementos sociais, como os pensamentos filosóficos dominantes, as estruturas de poder, as exigências editoriais, entre inúmeros outros aspectos, induzem à escolha de um determinado cânone. A alguns escritores é conferido maior espaço nos compêndios ou um juízo crítico mais apurado, enquanto a outros devem bastar umas poucas linhas ou uma nota de rodapé, para não mencionar a simples e significativa omissão. Se comparadas duas ou mais histórias da literatura, da mesma época ou de épocas diferentes, pode-se verificar um tratamento diverso prestado aos mesmos escritores e obras, e esse fato está diretamente relacionado aos elementos que são articulados pelo historiador para compor sua história.

Neste trabalho, faz-se um estudo comparativo entre três histórias da literatura brasileira escritas por autores que exerceram também o ofício literário, de modo que é inerente a essa análise a consciência de que os mesmos, ao construírem o seu discurso, tratam da obra de colegas, de amigos ou mesmo de influências, enquanto, por outro lado, existem os escritores desconhecidos, os adversários ou os que não tiveram importância reconhecida no cenário literário nacional. De qualquer maneira, esses escritores historiadores estão integrados ao sistema que pretendem representar e do qual tentam formar uma imagem que acreditam ser a mais adequada da história de seu objeto de trabalho.

A análise aqui realizada incide sobre a figura de Machado de Assis, o qual freqüentemente figura como o maior nome da literatura brasileira, e a quem é atribuído considerável destaque em muitas das histórias escritas até os dias atuais. A escolha não é fortuita: a vida e a obra de Machado ocupam boa parte das histórias da literatura analisadas, de modo que, com isso, se pretende uma investigação mais abrangente e mais eficaz, ainda que haja a certeza de que o assunto não se esgota neste trabalho, e que o escritor escolhido e as histórias da literatura selecionadas para o presente estudo funcionam meramente como exemplos de uma hipótese que se quer demonstrar.

O objetivo do trabalho é a investigação do discurso tecido em torno da figura de Machado de Assis nas seguintes histórias: *Pequena história da literatura brasileira*, de Ronald de Carvalho, *Brazilian literature: an outline*, de Erico Verissimo, e *História da literatura brasileira*, de Carlos Nejar. Com o suporte de uma teoria sistêmica, pretende-se, a partir das constatações realizadas, propor idéias para uma nova história da literatura, prestando atenção aos elementos da sociedade que, escolhidos pelos historiadores para dialogar com o sistema literário, influem na determinação do cânone e nos julgamentos críticos emitidos pelos historiadores.

Na abertura da *Pequena história da literatura brasileira*, a partir de sua quinta edição, encontra-se um breve esboço biográfico de Ronald de Carvalho. Ali, privilegiam-se as menções a seus estudos de ciências jurídicas e sociais, filosofia e sociologia, sua brilhante carreira no Ministério das Relações Exteriores, sua colaboração em diversos órgãos de imprensa, sua participação em associações de caráter científico e literário e suas publicações em poesia, prosa e crítica. Daí se depreende a importância que o autor tem na fixação de símbolos nacionais. No prefácio assinado por Medeiros e Albuquerque, membro da Academia Brasileira de Letras, encontra-se a afirmação de que Carvalho é o primeiro entre os grandes historiadores da literatura nacional que sabe escrever. E mais: “ao contrário de seus predecessores, ele procura mais apresentar em conjunto os grandes movimentos sociais de que resultaram as correntes literárias.” (ALBUQUERQUE, 1937, p. 13).

O prefácio de Medeiros e Albuquerque revela na história escrita por Carvalho uma preocupação com a definição de uma literatura brasileira vinculada à sua participação na sociedade, considerando-a como uma resultante de outros fenômenos de ordem social. A primeira edição da *Pequena história* é de 1919, quando os últimos grandes esforços no sentido de organizar uma história da literatura nacional ainda eram o de Sylvio Romero, em 1888, e o de José Verissimo, em 1916. Portanto, segundo se conclui das palavras de Albuquerque, o texto de Ronald de Carvalho viria para suplantar as deficiências desses dois empreendimentos anteriores. Nessa perspectiva, pesa sobre os ombros do poeta a necessidade de escrever uma história definitiva, e sua formação intelectual, aliada a suas qualidades de escritor e cientista, garantiria a credibilidade da sua versão dos fatos.

No caso de Machado de Assis, a história contada por Carvalho relaciona sua obra às correntes naturalistas em voga na ciência do século XIX. Sob o título *O Naturalismo (1870-1900)*, o texto da *Pequena história* engloba todas as produções consideradas mais relevantes do período histórico pretendido, colocando-as sob a hipótese geral de que essas obras são resultantes das transformações sociais ocasionadas pelo desenvolvimento científico da época. Opondo as características da literatura das últimas três décadas do século XIX à literatura romântica, Carvalho afirma: “o resultado mais apreciável do movimento naturalista foi, como notou Brunetière, a substituição do subjetivismo empírico pelo objetivismo científico” (1937, p. 276).

A essa mudança de visão do indivíduo oitocentista sobre a realidade não se sugere maior explicação do que uma vaga necessidade, relacionada à certa crise moral:

As modas e os caprichos nascem da necessidade imediata: foi esta necessidade que provocou o idealismo romântico, depois da grande crise moral do século XVIII; foi ela, também, que, em seguida aos enganos do utilitarismo científico, mostrou aos homens que a hora do devaneio estava finda e que o determinismo universal era o único remédio para o imenso tédio da vida, que os ameaçava (CARVALHO, 1937, p. 277).

O desenvolvimento científico é apresentado como o único causador de uma mudança nos espíritos de fins do século XIX, de modo que se subentende que a literatura da época é apenas reflexo de uma preferência totalizante pelo objetivismo, em vez da exploração subjetiva. A visão de Carvalho sobre o Naturalismo, no entanto, é crítica, pois, segundo o historiador, os escritores vinculados a essa estética reduziram a realidade a uma representação de mau gosto e que privilegia personagens sem heroísmo: “os naturalistas procuraram a mediocridade grosseira e contingente e o aspecto contemporâneo das coisas, trocaram os heroísmos, já agora ridículos e impossíveis, pelas pequenas covardias da realidade quotidiana” (CARVALHO, 1937, p. 280). Percebe-se aí que o autor já se vê, e à sua contemporaneidade, distante daqueles tempos de Naturalismo, o que pode ser corroborado pela notória participação do poeta Carvalho nos diálogos modernistas que viriam a tomar forma pública com a Semana de Arte Moderna de 1922, somente três anos após a publicação da *Pequena história*.

A posição de Machado de Assis nesse cenário cientificista é a de um ícone literário da época; porém, curiosamente, ele é visto como uma exceção. À sua obra poética são dedicadas duas páginas e meia, incluindo a transcrição de dois poemas: “Círculo vicioso” e “Soneto de Natal”. Sobre sua poesia, Carvalho destaca a intensidade psicológica, o realismo de suas imagens e a representação do desconsolo e da miséria universal. O autor considera Machado de Assis um poeta de idéias e lhe atribui a revelação do trágico cotidiano na literatura brasileira.

Ao contrário dos sete poetas com quem Machado partilha o espaço dedicado ao Naturalismo na poesia, a obra do prosador aparece ao lado de apenas outros três romancistas: Aluísio Azevedo, Julio Ribeiro e Raul Pompéia. No entanto, apesar de focar a narrativa histórica em uns poucos romancistas, a *Pequena história da literatura brasileira* ainda ressalta que Machado não é propriamente um naturalista, pois surgira nos meios literários anteriormente ao período delimitado. Ele seria, antes, um escritor realista ou psicológico, de maneira que o escritor já figura em uma classificação que seria utilizada mais tarde por outros historiadores: a do romancista realista. Para não formar uma classificação à parte, o que abriria um novo capítulo em uma história da literatura que tem a pretensão da brevidade, o autor prefere encontrar uma identificação de Machado com os naturalistas, e o faz através do critério temporal. Em outras palavras, a produção literária das últimas três décadas do século XIX é considerada em sua totalidade sob a égide do Naturalismo.

Carvalho articula em seu discurso diferentes sistemas para a construção de sua história da literatura. Partindo de um princípio de que as transformações na literatura do período de 1870 a 1900 são originárias de uma mudança de pensamento devido às conquistas científicas – e estabelecendo relações entre a ciência naturalista, o discurso histórico e o sistema literário –, no que concerne à literatura, os gêneros acionados são apenas a poesia e o romance. Não há menção ao Machado contista ou dramaturgo. Privilegiam-se, portanto, as facetas do escritor que condizem, conforme os argumentos de Carvalho, com a tentativa de inserção de Machado de Assis entre os escritores de estética naturalista. É notória também uma certa preferência do autor pelos gêneros da poesia e da narrativa longa. Quanto a isso, não se deve olvidar a posição do autor como poeta e prosador reconhecido nacionalmente, e também de tradutor do romance

machadiano *Dom Casmurro* para o francês, editado pelo Institut de Cooperation Intellectuelle, de Paris.

Mas Carvalho também reconhece em Machado o que chama de uma dúvida metafísica, advinda dos golpes da realidade e das paixões sobre o espírito; nesse aspecto, num discurso poético e grandiloquente, o autor compara o romancista ao filósofo alemão Schopenhauer; porém, elogiando o brasileiro – segundo ele, dono de um “heroísmo íntimo” –, critica o “espírito abatido” do outro. Assim, o historiador se utiliza de referências no campo da filosofia, ao mesmo tempo que aproxima o escritor da psicologia e acaba, contraditoriamente, distanciando-o do cientificismo: “em seus romances, o *documento humano* não obedece a um plano preconcebido, a um postulado primordial, a uma lei qualquer científica ou literária. Reflete-se neles, apenas, um espírito indagador, que a todo instante se observa a si mesmo, através dos outros” (CARVALHO, 1937, p. 317, grifo original).

Por fim, o autor declara sem pudores a sua preferência: “Machado é, sem contestação, sob variados aspectos, o mais significativo dos escritores da língua portuguesa” (CARVALHO, 1937, p. 317). Além disso, cita, em nota de rodapé, a então recente versão de *Dom Casmurro* para o francês, feita por Francis de Miomandre e por ele mesmo.

A história da literatura brasileira de Ronald de Carvalho não refere títulos de obras nem comenta qualquer livro de Machado de Assis em particular (somente há referências à obra nas menções aos personagens Dom Casmurro e Capitu). Sua preocupação é com a reverência ao grande escritor, de modo a fixá-lo como um símbolo nacional. Colabora para isso o fato de que Machado é citado também em outras partes do livro (o índice de autores registra dezessete referências), o que ilustra sua posição canônica. O intento principal é louvar a perspicácia do escritor na representação das misérias humanas e na densidade psicológica das personagens. Para isso, Carvalho menciona as relações entre outros sistemas sociais e o sistema literário, porém subjuga-os a um ideal de nação que quer afirmar, colocando em primeiro plano o desenvolvimento científico.

Na história contada por Erico Verissimo, é outra a visão sobre Machado de Assis, posto que essa história torna-o uma espécie de personagem. *Brazilian literature: an outline* constitui-se de ensaios sobre diferentes momentos da literatura brasileira destinados ao público dos Estados Unidos, onde o autor realizou uma série de palestras entre janeiro e fevereiro de 1944, na Universidade da Califórnia. No prefácio do livro, Erico Verissimo declara a intenção de fornecer tópicos sobre uma literatura brasileira, de um modo interessante para se ler ou ouvir, mas com a consciência de haver omitido nomes importantes. Também avisa de antemão que ele mesmo não é um crítico, mas um contador de histórias, que não realizou nenhuma pesquisa prévia para a escrita dos textos, e que pretende narrar a história da literatura brasileira como um simples leitor, a quem se podem atribuir erros, mas que não trairia seus gostos pessoais.

Para levar a literatura brasileira a um público estranho ao assunto, Erico Verissimo prefere a utilização de um tom mais coloquial, menos poético que o da história escrita por Ronald de Carvalho: relata dados curiosos sobre a vida política do país e sobre a vida pessoal dos escritores, traduz para o inglês frases canônicas e trechos de poemas, e estabelece relações entre a literatura brasileira e aquela produzida por escritores de renome internacional, principalmente de língua inglesa.

Em *Brazilian literature*, assim como na *Pequena história*, Machado de Assis é parte de um capítulo sobre o Naturalismo. Até mesmo no apêndice que finaliza o livro, onde constam os escritores e obras mais representativos de cada período literário, Machado é incluído entre os naturalistas, junto com seus livros *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro*, *Memorial de Aires*, *Papéis avulsos* e *Várias histórias*. Porém, o capítulo do livro dedicado ao Naturalismo – intitulado *Yes, but snakes and slaves too*, como resposta ao capítulo anterior *My country has palm trees*, sobre a literatura romântica – preza pela elaboração de uma história onde os fatos políticos ganham relevância e a própria narrativa torna-se tão importante quanto o objeto da narração. Assim, Erico Verissimo inicia o capítulo com uma longa descrição do imperador Dom Pedro II, na qual refere que o monarca não apreciava as inovações trazidas à língua portuguesa pelos escritores românticos como Alencar e Macedo. Como hipótese, pode-se interpretar essa aversão do imperador como uma espécie de

possibilidade oficial para o surgimento de uma vanguarda literária, que viria a ser o Naturalismo.

O texto ainda enumera as transformações filosóficas e sociais que tiveram origem na Revolução Industrial, no crescimento do Império Britânico e no desenvolvimento científico do século XIX, com a ressalva, no entanto, de que essas mudanças não atingiram a totalidade dos indivíduos. “We use too easily and too inaccurately big words like ‘earth’, ‘people’, and ‘mankind’. We forget oftentimes that generally those ‘new ideas’ and ways of life never reach the people; I mean the majority of the people, the masses.” (VERISSIMO, 1945, p. 57-58) O autor também considera a demora das inovações científicas européias para chegar ao Brasil: “we had to wait about thirty years for our first railroad, forty years for our first textile plants, and still longer for the telegraph, steamboats, and gaslight.” (VERISSIMO, 1945, p. 58).

Considerando a posição periférica do Brasil em relação ao centro cultural do mundo, como era então vista a Europa, Erico Verissimo divide a sociedade brasileira da época em duas classes: por um lado, havia uma elite aristocrata que dançava a valsa nos salões, e por outro, o índio, o negro e o pobre, que eram vistos pelos escritores do Romantismo como pérolas exóticas. Assim, devido à vergonha do imperador ante seus amigos liberais da Europa, que eram contra a escravidão, Erico Verissimo vincula Dom Pedro II às condições que possibilitaram a abolição da escravatura e, indiretamente, o nascimento de uma literatura comprometida com a representação dos brasileiros mais desprivilegiados economicamente.

Castro Alves e os romances estrangeiros também têm a sua participação no nascimento de uma nova literatura no Brasil. Segundo o autor, o poeta tinha uma perspectiva diferenciada dos outros românticos sobre os escravos, e tornou-se muito popular entre o público: “he gave poetical expression to the suffering and misery of the captive Negroes, and his poems moved deeply thousands of readers throughout the country” (VERISSIMO, 1945, p. 59). Da literatura estrangeira, vinham *Uncle Tom’s Cabin*, de Harriet Beecher Stowe, e *Madame Bovary*, de Flaubert, trazendo o primeiro um novo olhar sobre os negros, e o segundo, o estilo naturalista, privilegiando um olhar científico sobre o homem e a vida.

Nessa história, Machado de Assis não é visto da mesma forma que registrou Ronald de Carvalho. Se ele continua tendo um lugar de destaque, já não é dado tanto destaque a seus poemas. Em *Brazilian literature*, é concedida maior importância à vida do escritor que à sua obra. Isso porque Joaquim Maria – como Erico Verissimo o designa em sua narrativa – é um negro que ascende socialmente numa sociedade adversa, o que, em termos de narrativa, o consagra como herói e, em termos de cânone literário, o eleva à posição do gênio. No entanto, a vinculação de Machado de Assis com o Naturalismo, como Erico Verissimo a aborda, deixa entrever, além do talento de Machado, a importância da posição de Dom Pedro II como intelectual, amante da literatura e, principalmente, como abolicionista, pois é através da política de seu governo que os escritores naturalistas aparecem, e um negro pode se alçar à categoria dos melhores escritores brasileiros.

A história de Machado de Assis contada por Erico Verissimo é calcada nas dificuldades de sua vida em função de questões como raça, saúde deficiente e aparência física, apesar de o autor, contraditoriamente, tentar negar a existência de discriminação racial no país: “He had ambitions, but he had bad health and he was ugly. And the fact of having Negro blood in his veins was rather a handicap for his social ambitions, even in a country like Brazil where there is practically no race discrimination.” (VERISSIMO, 1945, p. 66) Fica clara nessa passagem a intenção de levar ao exterior uma imagem positiva da cultura brasileira, ao mesmo tempo que se revela o sentimento de responsabilidade do escritor rio-grandense, dada sua posição de embaixador brasileiro em uma universidade norte-americana.

Erico Verissimo relata sobre a experiência de Machado de Assis no trabalho de tipógrafo e sua ascensão como escritor, primeiro através de artigos, poemas e contos; mais tarde, como romancista vinculado ao Romantismo e, finalmente, como o autor de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, livro que, segundo a *Brazilian literature*, estabeleceu sua reputação literária. Depois disso, através da aproximação de Machado com Somerset Maugham – pelo complexo de inferioridade de ambos – e com Proust – pela preocupação temática com o tempo –, o autor passa a relacionar fatos da vida de Machado com aspectos estéticos de sua obra. E é desse modo que ele conduz sua história da literatura machadiana para um resumo de textos representativos de Machado

em três gêneros distintos: poesia (há um comentário sobre o *Soneto de Natal*, mas não há referência ao título do poema), romance (*Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*) e conto (*O enfermeiro*), sendo que é notável a preferência do autor pelo Machado prosador, provavelmente devido ao fato de ser o próprio Erico Verissimo um escritor de narrativas, o que está perfeitamente de acordo com o propósito inicial do historiador de não trair os seus gostos.

A história da literatura de Erico Verissimo privilegia, portanto, o aspecto narrativo, mas não deixa de tecer relações importantes entre os sistemas sociais. Como Ronald de Carvalho, Erico Verissimo tem uma preocupação com a representação da totalidade da literatura brasileira, mesmo com a consciência de que o caráter resumido da história que conta não pode abarcar todas as relações entre a literatura e a sociedade, e da literatura consigo mesma. O autor sabe que está sendo omissos quanto a fatos e nomes importantes nas letras nacionais, porém o seu intento é o de contar uma história plausível e interessante aos ouvidos norte-americanos, como quem está longe de casa e precisa mostrar aos seus anfitriões que é de valia o que traz na bagagem. Assim, é preferível a Erico Verissimo enaltecer o gênio de Machado do que comentar com mais detalhes a sua obra. Enquanto Ronald de Carvalho precisava fazer do escritor um símbolo do Brasil para os brasileiros, o compromisso de Erico Verissimo foi o de fixar a mesma bandeira em terra estrangeira.

O ponto de vista adotado por Carlos Nejar sobre o fenômeno Machado de Assis é totalmente diverso. Sua *História da literatura brasileira* não leva em conta as relações sociais que contribuíram com o nascimento da obra machadiana, como se o escritor de primeira grandeza estivesse desvinculado de condições de produção e recepção. Nessa história, a maioria dos escritores está agrupada de acordo com a época de publicação de suas obras, porém a Machado é dedicado um capítulo inteiro, de maneira que o historiador desvincula a obra machadiana de épocas e correntes literárias, preferindo colocá-lo como um gênio atemporal. Esse capítulo intitula-se, precisamente, *O gênio de Machado de Assis*.

O texto do autor parte do fato de o crítico inglês Harold Bloom ter incluído o brasileiro em seu rol de escritores geniais. A avaliação de Bloom parte do princípio da negação do *pathos* aliada a uma subversão de valores morais em *Memórias póstumas de*

Brás Cubas. Esse ponto de vista é, por si só, fragmentário, visto que a análise seria provavelmente outra, se considerado o *pathos* em *Dom Casmurro*, por exemplo, onde ele não é negado, mas renovado em um discurso introspectivo. Esse fato isolado já é argumento suficiente para se demonstrar a impossibilidade de uma análise que abarcasse toda a complexidade das relações existentes em torno da obra de um escritor.

Na divisão dos gêneros literários, o historiador considera a existência das múltiplas facetas de Machado de Assis, porém subjuga o poeta, o cronista, o contista e o dramaturgo ao romancista, de onde se depreende que é no romance, assim como considerou também Harold Bloom, que se expressa o gênio machadiano:

Foi um romancista, contendo dentro de si o contista – dos maiores que tivemos, bastando enunciar ‘O alienista’ (na loucura é um Pirandello e um Italo Svevo, *avant la lettre*) e ‘Missa do galo’ para atestá-lo. Trabalhava, severo, cada polegada da linguagem – o cronista brilhante, o teatrólogo e o jornalista. E todos se aliaram para construir um novo tipo de romance psicológico, onde as partes vivem independentes e associadas ao todo, num verdadeiro mosaico verbal. Entre ironia, humor, pessimismo e universalidade, que é o território da condição humana. Quanto mais pungente, mais universal. (NEJAR, 2007, p. 88-89, grifos originais)

O parágrafo transcrito acima ilustra de que modo o historiador da literatura pretende afirmar a importância universal da obra de Machado. O conjunto de referências que são articuladas na interpretação de sua obra deixa entrever a afirmação do gênio associado com a universalidade, não apenas pela presença dos vocábulos “universal”, “universalidade” e “condição humana”, mas também pela comparação com escritores de renome internacional, como é o caso de Pirandello e Svevo. Além disso, no discurso do historiador, Machado é aquele escritor que consegue abarcar todos os gêneros dentro do romance, sendo ao mesmo tempo um cronista e um contista brilhantes. Isso está de acordo com a proposta de Nejar, que, sobre a divisão dos gêneros, declara na introdução do livro: “em qualquer um deles, é a linguagem que determinará os gêneros, não os gêneros, a linguagem” (NEJAR, 2007, p. 21). Outro fato digno de nota é o de que a análise do autor, ainda que com o intento de afirmar a importância do escritor na literatura universal – e, portanto, nas mais diversas culturas – prefere atentar para aspectos intrínsecos ao texto, como marcas de um esforço

individual. Desse modo, a profundidade psicológica, a unidade das partes, a utilização da ironia, o tom pessimista da linguagem e a obsessão da memória são tomados como objetos de valor, enquanto o diálogo com elementos exteriores ao texto fica limitado ao reconhecimento da importância de Machado na fixação da memória do Segundo Reinado e dos primeiros anos da República.

A partir do parágrafo citado, o historiador passa a analisar os romances machadianos, sobre os quais aponta a supremacia da linguagem poética em relação aos poemas: “A poesia do romance machadiano (...) é de tal envergadura que muitas vezes é mais poeta na prosa que na poesia, com achados deslumbrantes, antes de Proust, que considerava a importância da metáfora semelhante à dos vasos sagrados no templo.” (NEJAR, 2007, p.95) Nas narrativas longas, Nejar encontra um desvendamento da alma humana aliado a um sentimento trágico, expresso ironicamente. Porém, a ênfase de sua argumentação recai sobre a multiplicidade de interpretações possíveis do texto de Machado, posto que, a partir dessa constatação, o historiador passa a estabelecer relações entre os temas explorados pelo escritor e a mitologia grega, as narrativas bíblicas, a comédia latina, Borges, Sterne, Victor Hugo, Voltaire, Musil, Kafka e Dostoiévski, entre outros. O historiador postula a universalidade e a genialidade de Machado de Assis, colocando-o ao lado daquilo que é considerado canônico na literatura estrangeira, de modo que sua análise não incide sobre a importância do texto machadiano na sociedade e na literatura brasileira, mas toma como paradigma para o gênio a literatura internacional.

A interpretação dos poemas de Machado também tende a enaltecer o valor do escritor, identificando nos textos uma ruptura com relação à estrutura fechada do clássico a partir de um sentido oculto de fugacidade, sarcasmo ou limite: um barroquismo que o aproximaria de Borges pela possibilidade de múltiplas leituras. No entanto, considera a poesia um desdobramento das reflexões do escritor: “[A poesia] não era para ele um processo visceral. Era um broto do excesso ou da deficiência de sua personalidade.” (NEJAR, 2007, p. 97) Essa deficiência é explicada como uma raiz amarga, uma incapacidade de vencer a infelicidade, de modo algum contraditória ao estatuto do gênio.

De qualquer modo, na *História da literatura brasileira* é a obra que ganha predominância como objeto de análise. Ao contrário da *Brazilian literature*, de Erico Verissimo, onde a biografia do autor serve ao intuito de construir uma narrativa cativante, para Nejar a vida de Machado de Assis limita-se a um esboço biográfico de um parágrafo, e só se relaciona com a sua obra através da referência de uma possível crise – não se sabe de que ordem – que teria acometido o escritor por volta de 1870 e determinado uma mudança espiritual e artística, ocasionando a criação de um novo estilo a partir de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Não se trata, portanto, de novas relações estabelecidas entre a literatura da época e os vários sistemas que com ela interagem. O historiador considera as possíveis inovações estilísticas trazidas pelo romance somente sob a nova perspectiva individual do gênio criador machadiano.

Dessa maneira, a preferência demonstrada na *História da literatura brasileira* é pela interpretação dos textos de Machado sob uma perspectiva imanentista, amparada por citações de críticos e escritores da literatura brasileira e estrangeira. São ressaltados os aspectos psicológicos das personagens – com ênfase na habilidade de Machado para a construção de caracteres femininos –, o bom uso da linguagem e o pessimismo inerente à sua personalidade. Para tanto, bastam as relações da literatura consigo mesma, isto é, com a obra de escritores estrangeiros, com os pareceres dos críticos, com o desenvolvimento de uma linguagem própria. Por outro lado, não há esforços no sentido de reconhecer em Machado de Assis um homem da sociedade brasileira do fim do século XIX e início do XX. A única concessão é feita quanto à representação da sociedade burguesa da época na própria obra do escritor. Assim, ao contrário de Erico Verissimo e de Ronald de Carvalho, a história da literatura escrita por Nejar, valorizando o gênio de Machado de Assis, deixa de analisar a obra em sua existência temporal e espacial: não há considerações sobre o momento político, a situação econômica, a situação da imprensa ou a posição de Machado perante seus contemporâneos.

Não se quer, por meio deste estudo, condenar os esforços do passado em torno da construção de uma história da literatura brasileira. O intuito deste texto é apenas refletir sobre os aspectos que foram considerados importantes para a escrita dessas histórias. Ao final dessas constatações, é possível vislumbrar, com o apoio de uma teoria sistêmica,

novas perspectivas para a escrita de uma história da literatura nos dias atuais, considerando a multiplicidade de sistemas de ordem social que dialogam com o sistema literário, desde as condições de produção, publicação, comercialização e recepção das obras, até aspectos da política e da economia, relações com a filosofia, a moral e a religião, estruturas sociais, posição dos escritores, dos críticos e dos historiadores da literatura na sociedade, entre inúmeros outros.

A maior parte das histórias da literatura brasileira que se conhecem, desde as primeiras tentativas empreendidas no século XIX, toma por base o conceito de nação e, a partir dele, constrói seu discurso de definição de uma literatura que se quer comprometida com um ideal de formação nacional. Porém, as mudanças na ordem mundial, que vêm fortalecendo a união dos grupos em torno de noções como região e globalização, e as modificações operadas no âmbito das teorias da literatura, obrigam os historiadores a repensarem preceitos básicos de sua prática.

As mudanças ocorridas nas teorias da literatura, caracterizadas por perspectivas pragmáticas e alianças interdisciplinares, tiveram como efeito significativo o deslocamento da investigação para fora dos limites nacionais. No campo teórico, a passagem do texto para o sistema literatura demanda esforços de sistematização sem precedentes. A visão da literatura como rede de múltiplos processos interativos e instáveis obriga a repensar a esfera do literário nessas proporções alteradas e a refletir sobre as próprias circunstâncias sócio-históricas do fenômeno literário. (OLINTO, 1996, p. 29)

Uma nova história da literatura, portanto, teria de dar conta de todos os fatores envolvidos no sistema literário, desde suas condições de produção, publicação, divulgação, leitura, crítica, até a sua inserção no sistema de ensino de literatura, na apropriação de seu discurso pelos poderes constituídos, entre outros. Devido a essa amplitude de elementos que se relacionam com a presença da literatura na sociedade é que uma história da literatura não deve ter a pretensão de ser totalizante, sob pena de tornarem-se meramente fragmentos sem relação com os sistemas que dialogam com o literário. “‘Fragmentos’ são objetos de experiência que identificamos, por um lado, como partes de um todo, mas, por outro lado, eles parecem-nos tão ‘diferentes’ desse todo que não vemos em sua forma uma parte constitutiva desse todo.” (GUMBRECHT, 1996, p. 225)

A percepção desse caráter fragmentário da história deve-se tanto à crise do conceito de nação, que passou por reavaliações nas últimas décadas, quanto à interpretação de que se podem estabelecer vínculos entre a literatura e os mais variados sistemas de ordem social. Esses aspectos, aliados à premissa de que narrativas históricas diversas provêm de pontos de vista também diversos sobre um mesmo fenômeno, conduzem o historiador a duvidar da existência de uma história única, verdadeira ou factual, de modo que a história passa a ser válida quando os sistemas sociais que a história se propõe a articular são relacionados de modo a garantir a objetividade científica. De qualquer maneira, a fragmentação é traço característico de qualquer história da literatura, embora, na contemporaneidade, com a consciência dessa fragmentação, seja possível ao historiador abandonar um ideal de totalidade que será necessariamente falho, visando uma abordagem possível, ou hipotética, a partir dos documentos de que dispõe.

Para a construção dessa nova história possível, é necessário atentar para os sistemas com os quais o fenômeno literário está envolvido. “Um sistema literário só pode ser compreendido e explicado no contexto sistemático de (todos) os outros sistemas ativos da sociedade em certo ponto do desenvolvimento sócio-histórico.” (SCHMIDT, 1996, p. 113) Por isso, qualquer história da literatura é apenas uma das histórias possíveis, e pode ser analisada com o estabelecimento de relações entre os mesmos sistemas utilizados para a construção da própria narrativa histórica. Assim, pode-se averiguar por que determinada história da literatura foi escrita, qual é a posição do autor na sociedade, quem a patrocinou, a que público é destinada, entre inúmeros outros fatores.

No caso das histórias da literatura analisadas, pode-se afirmar que elas estão comprometidas com um ideal de nação, o que levou a tentativas de totalidades históricas que na contemporaneidade se revelam impossíveis. Porém, se o texto de Carvalho fosse escrito nos dias de hoje, seria recomendável o abandono do ideal de totalidade expresso pelo autor. Os sistemas sociais seriam vistos, então, não apenas numa perspectiva de causa e efeito, mas de simultaneidade, pois não são apenas as descobertas científicas do século XIX que influenciam o pensamento e a literatura do período histórico delimitado, mas todos os sistemas acionados por Carvalho dialogam

entre si diacrônica e sincronicamente, de modo que Machado de Assis é tão importante para a mentalidade da época em que escreveu, quanto essa mentalidade o é para a construção do estilo machadiano. Assim, seria necessário reconhecer que os sistemas científico, econômico, filosófico e literário, entre inúmeros outros, dialogam entre si, e que a história será necessariamente fragmentada.

Erico Verissimo, em *Brazilian literature: an outline*, conta a história da literatura brasileira fazendo menções à política, ao desenvolvimento econômico da nação e às desigualdades sociais, ao pensamento filosófico, à biografia do autor e aos diversos subsistemas que formam o sistema literário: os antecedentes, os diálogos com a literatura estrangeira, a diversidade dos gêneros. E, ainda que tentando levar aos norte-americanos uma imagem positiva da cultura brasileira, não se omite quanto à posição periférica do Brasil em relação à cultura européia. Seu intento é uma narrativa cativante, e Erico Verissimo encontra esse suporte principalmente relacionando a literatura com a história política e a biografia. Das três histórias analisadas, é a que mais se aproxima dos pressupostos da teoria sistêmica, pois, apesar de concentrar seus textos em torno do ideal de nação, Erico Verissimo declara sua despreensão ao discurso da totalidade quando assegura de antemão seu interesse na narrativa, mais do que na referência às obras.

Carlos Nejar, com sua análise predominantemente imanentista, também não se furto à representação da totalidade. É possível ver, na sua afirmação do gênio machadiano, não apenas o louvor ao indivíduo, mas a imposição de um símbolo nacional perante a literatura universal. Por isso ele declara na apresentação ao livro: “Sim, no Concerto das Nações, este país se move, é uma força incontável, e nenhum interesse, seja de quem for, haverá de sufocá-lo.” (NEJAR, 2007, p. 14) Nejar deixa de lado os aspectos políticos e sociais na análise machadiana, mas é de política que ele trata quando afirma a literatura brasileira no “Concerto das Nações”. Assim, demonstra, pela falta, a importância das relações sistêmicas para a construção de uma história da literatura válida, que não seja reflexo de uma totalidade, mas um conjunto de relações que apresentam o fenômeno literário sob variadas óticas que dialogam entre si.

Ao final deste texto, ainda um problema se coloca: o leitor de histórias da literatura procura nelas uma versão definitiva, de modo que ela baste como referência.

A questão é: como uma história da literatura com base sistêmica pode ir ao encontro de um público com essa característica? A resposta é de que talvez seja tarefa das próprias histórias da literatura a declaração explícita de seu caráter fragmentário. Só assim se poderá ter leitores mais críticos, que não se contentam com uma única versão dos fatos, e possam, eles mesmos, estabelecer novas relações e comparações a partir das histórias da literatura existentes.

Referências

ALBUQUERQUE, Medeiros e. Prefácio. In: CARVALHO, Ronald de. *Pequena história da literatura brasileira*. 6.ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & C. Editores, 1937. p. 11-14.

CARVALHO, Ronald de. *Pequena história da literatura brasileira*. 6.ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & C. Editores, 1937.

GUMBRECHT, H. U. História da literatura: fragmento de uma totalidade desaparecida? In: OLINTO, Heidrun Krieger. *Histórias da literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996. p. 223-239.

NEJAR, Carlos. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Relume Dumará / Copesul / Telos, 2007.

OLINTO, Heidrun K. Interesses e paixões: histórias da literatura. In: _____. *Histórias da literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996. p. 15-45.

SCHMIDT, Siegfried J. Sobre a escrita de histórias da literatura: observações de um ponto de vista construtivista. In: OLINTO, Heidrun Krieger. *Histórias da literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996. p. 101-131.

VERISSIMO, Erico. *Brazilian literature: an outline*. New York: The MacMillan Company, 1945.